

A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A AURORA

VOL. 15, No. 5

Setembro - Outubro 2022

Dawn Bible Students Association
Divisão em português
PO Box 521167
Longwood, FL 32752 U.S.A
www.dawnbible.com

Sirva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

ALEMANIA: Tagensbruck Bibelstudien-Vereinigung e. V., Postfach 3, 64396 Modautal

ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires estudiantesdelabibliargentina@gmail.com

AUSTRALIA: Berean Bible Institute, PO Box 402, Rossana, Victoria, 3084

BRASIL: PO Box 521167, Longwood, FL USA 32752

CANADÁ: PO Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2

ESPAÑA/ITALIA: El Alba, Via Ferrara 42, 59100 Prato - Italia

FRANCIA: L'Aurore, 39A rue des Bois, 68540 Feldkirch

GRECIA: He Haravgi (The Dawn) PO Box 521167, Longwood, FL USA 32752

INDIA: The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025

ISLAS BRITÁNICAS: Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham Bucks HP5 3EB

CONTEÚDO DESTE NÚMERO

DESTAQUES DA AURORA

Deus Não Falhará 2

ESTUDOS INTERNACIONAIS

DA BÍBLIA

O Chamado de Abrão 10

Jacó e Esaú 13

Jacob Luta com Um Anjo 16

A Promessa a Judá 18

VIDA E DOCTRINA CRISTÃ

Para Que Não Se Canse e Desfalesca 21

The Dawn - Portuguese Edition

September-October 2022

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/

ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Deus Não Falhará

“As benignidades do SENHOR nunca cessam, porque as suas misericórdias nunca falham. Eles se renovam todas as manhãs; Grande é a tua fidelidade.”

— *Lamentações*
3:22,23, *Nova Bíblia de Padrão Americana*

O POETA DISSE MUITO

bem que “a esperança brota eternamente no peito humano”. Muitas pessoas nobres há muito tentam superar o caos e a angústia do presente, esperando que venham tempos melhores. Os sábios do passado esperavam e escreveram sobre uma “idade de ouro” que eles projetaram que se tornaria reali-

dade através da boa vontade e esforços cooperativos daqueles que acreditavam que o destino humano prometia algo melhor do que estar continuamente em uma condição de turbulência, angústia e angústia. Ainda hoje, alguns ainda nutrem essa esperança e fazem todo o possível para transformar sua esperança em realidade.

Há alguns anos, isso foi enfatizado para nós por uma carta O Amanhecer recebido de um cavalheiro que subscreveu ao que é conhecido como o Movimento Federalista Mundial. O federalismo mundial ou global não é uma nova ideologia política, embora talvez pouco conhecida por muitos. Faz a defesa de um governo mundial democrático e federal com autoridade em questões globais e soberania geral sobre a população mundial. Na carta,

nossa apresentação das profecias e promessas de Deus registradas na Bíblia foi criticada, e um apelo foi feito pelo escritor para dar as mãos para ajudar a estabelecer um governo federal do mundo.

A carta dizia, em parte: “É difícil para mim acreditar que alguém neste país acreditaria no tipo de Deus que você parece adorar. A ideia de que é o propósito divino que devemos nos destruir e esperar viver felizes no céu para sempre está além da minha capacidade de compreensão. Se eu pensasse que esta era uma interpretação profunda das profecias, acho que preferiria ser ateu. Lamento muito que um país iluminado produza pessoas com tais concepções sobre o Criador – um tipo de Deus cruel e sádico.”

Esta parte da carta revela que o escritor falhou em compreender o significado das profecias bíblicas que O Amanhecer tentou explicar, pois certamente não é o ensino das Escrituras que é a vontade de Deus que a raça humana se destrua e depois viva feliz no céu para sempre. Se esse fosse o objetivo da profecia bíblica, estaríamos inclinados a concordar que seria melhor ser ateu. Em vez disso, estamos contentes que alguns entre a humanidade tenham falado contra as interpretações da Bíblia que, na verdade, representam o Criador como um tipo de Deus cruel e vingativo.

No entanto, muito do mal-entendido tradicional da Bíblia faz exatamente isso. Tome a doutrina antibíblica, por exemplo, do tormento eterno dos ímpios. Poderia haver um ponto de vista mais impiedoso e sádico do que esse? Corretamente, as pessoas iluminadas do mundo sentem repulsa pelas muitas crueldades infligidas contra grupos políticos, religiosos e étnicos por ditadores e líderes de nações rebeldes do passado e do presente. Não deveríamos todos também clamar contra as alegações de

que o Criador do universo, o Deus da Bíblia e do cristianismo, é muito mais cruel ao lidar com seus inimigos do que os ditadores totalitários jamais foram?

Depois, há aquela tradição antibíblica da Idade das Trevas referente ao “fim do mundo” – que um dia Cristo irá retornar à terra e precipitará uma conflagração mundial literal que destruirá todo o planeta Terra. Este é realmente um ponto de vista sem coração.

A questão da decência moral e dos direitos humanos tem sido levantada há décadas em conexão com o uso potencial de armas nucleares. As chances são, no entanto, de que muitos que levantam essa questão, eles próprios afirmam acreditar que seu Deus, quando o “fim do mundo” chegar, destruir todas as cidades de todas as nações, todos os campos, montanhas e vales, massacrando todos os bilhões da raça humana, exceto os poucos que naquele momento serão considerados dignos de serem levados para o céu. Que final trágico para um domínio que, quando criado, foi projetado para ser preenchido com a glória de Deus!

Ao ler o que precede, talvez você se assuste com o fato de apresentarmos uma percepção tão cruel de Deus, tão horrível de ser contemplado. Na verdade, nós também sentimos o mesmo! A razão para o compartilhamento destes pensamentos é que ainda há muitos que conscientemente afirmam ter tais crenças maliciosas e antibíblicas a respeito dos propósitos de Deus. No entanto, ao ver essas coisas em sua verdadeira luz e ao reexaminar a Bíblia, aprendemos que o Deus do verdadeiro cristianismo não é um ser vingativo, mas aquele cujo propósito é a bênção de todas as famílias da terra; que a segunda vinda de Cristo não é para destruir a Terra, mas para torná-la perfeita para o lar eterno da raça humana, resgatada do pecado e restaurada à vida. — Gên. 1:26-30;

Ecles. 1:4; Is 45:18; Atos 3:20,21

Voltando à carta recebida, da qual citamos parcialmente anteriormente, depois de nos dizer que ele não se importava em adorar um Deus sádico, ao qual dizemos Amém, o escritor falou então sobre os objetivos do movimento de sua escolha. Novamente mencionamos parcialmente: “Espero que você veja claramente seu caminho para perceber que todos nós somos individualmente responsáveis pelos assuntos desta vida e que cabe a todos nós trabalhar por coisas como a paz mundial e a fraternidade mundial. Apoiei todos os movimentos de paz sinceros e agora estou apoiando o [estabelecimento de] um órgão legislativo com jurisdição para proibir a guerra e impedir a agressão. Em um mundo que é permeado pela lei natural por todos os lados, o propósito divino que determina que o homem finalmente estabeleça a lei e a ordem em uma base internacional, uma base mundial é algo que parece ser harmônico. Espero sinceramente que você reflita sobre essas ideias.”

Não podemos deixar de reconhecer e pensar na sinceridade e seriedade com que essas declarações foram escritas. Este cavalheiro, como milhões de outros, quer paz. Nós também queremos a paz. Melhor do que isso, a Bíblia nos assegura que o mundo terá paz. No entanto, a história nos diz que desde que “O Príncipe da Paz” nasceu, homens e mulheres de mente nobre têm trabalhado pela paz. (Isa. 9:6) No entanto, depois de mais de vinte séculos de esforços sinceros nesta direção, o mundo não tem nada melhor para mostrar para esses trabalhos do que problemas crescentes, tumultos e a ameaça de destruição completa.

Não devemos desencorajar aqueles que estão trabalhando pela paz. É muito mais honroso trabalhar pela paz do que promover o conflito e a guerra. No fundo, a

grande maioria das pessoas provavelmente quer a paz. Mesmo a perspectiva de guerra é muitas vezes com a esperança de que, de alguma forma, a paz duradoura será estabelecida. No entanto, a grande desvantagem para alcançar a verdadeira paz é o egoísmo da natureza humana decaída e, infelizmente, esse elemento do caráter humano é encontrado em todo o mundo. Não é uma característica meramente de governos e lideranças, mas da sociedade em geral.

É esse elemento, por exemplo, que faz com que os vendedores aumentem os preços aparentemente no momento em que surge uma ameaça de problemas, mesmo que não haja necessidade de fazê-lo. É o egoísmo humano que induz as pessoas a acumular alimentos e outros suprimentos em caso de determinados riscos, embora isso possa privar outros de obter o que realmente precisam. Os seres humanos caídos são incapazes de resolver o problema do egoísmo humano. Esta é uma razão fundamental pela qual pouco progresso tenha sido feito ao longo dos séculos em direção ao estabelecimento de uma paz duradoura no mundo. Do ponto de vista humano, certamente há pouca perspectiva de que a humanidade em sua atual condição pecaminosa subitamente descarte o egoísmo e lide uns com os outros com base em interesses mútuos genuínos — isto é, na base do amor.

Quão gratos somos, porém, que o problema do egoísmo humano não está além da capacidade de Deus de resolver! Essa é a razão pela qual podemos ter confiança em suas promessas de estabelecer a paz e por que podemos acreditar em sua garantia de que sob a administração de seu reino “virá o desejo de todas as nações”. (Hag. 2:7) É verdade que Deus sabia da terrível calamidade em que o mundo seria mergulhado com o pecado e o resultante egoísmo humano. Deus permitiu isso, mas ele não o pro-

jetou, nem representa seu propósito eterno para o homem. Além de prever a atual crise da raça humana, Deus também previu isso na Bíblia. Não foi uma surpresa para ele. — Dan. 12:1; Mat. 24:21

Uma razão pela qual Deus permitiu que o homem chegasse ao limite extremo de suas propensões decaídas foi para que ele pudesse ser convencido de sua própria incapacidade de estabelecer paz duradoura e boa vontade entre os homens. A maioria dos que ainda hoje trabalham com tanto zelo pela paz não aprenderam esta lição. Eles ainda querem estabelecer a paz de acordo com a sua própria sabedoria e poder. Se eles acreditam em Deus, eles evidentemente parecem pensar que enquanto ele pode estar olhando enquanto eles lutam contra essas probabilidades desesperadas, ele não pretende, ou é incapaz de fazer nada a respeito.

É precisamente neste ponto que os ensinamentos da Bíblia se separam de todas as filosofias humanas relativas ao destino final do homem. Enquanto o homem tenta se erguer por conta própria, a Bíblia nos assegura que em seu devido tempo Deus intervirá nos assuntos humanos. Ele resgatará o homem dos resultados da “sabedoria deste mundo”, que é “loucura para com Deus”, e estabelecerá a paz e a boa vontade em escala mundial. (1 Cor. 3:19-21; Isa. 9:7; Lucas 2:14) Ele não só dará paz às nações, mas também vida ao povo, pois os mesmos instrumentos do seu reino, que trarão paz às nações, também exercerão o poder divino para dar saúde ao povo e a perspectiva da vida eterna na terra. — Rev. 21:1-5; Isa. 25:8,9; Hos. 13:14

As promessas de Deus que nos asseguram o estabelecimento do reino de Cristo têm sido muitas vezes mal interpretadas no sentido de que a humanidade deve estabelecer seu próprio reino. Isso resultou no estabeleci-

mento de sistemas e organizações eclesíásticas criadas pelo homem ao longo da era cristã, bem como em vários esforços das denominações eclesíásticas, tanto no passado como ainda hoje, para influenciar os legisladores a promulgar leis melhores. Estes esforços das igrejas encontram expressão de muitas maneiras e podem até ser devidamente motivados. No entanto, eles são contrários aos ensinamentos da Bíblia, pois são tentativas de cumprir o propósito divino pela sabedoria humana e não de maneiras projetadas por Deus.

Como dissemos no início, “a esperança brota eternamente no peito humano”. No entanto, à parte de Deus, é uma esperança que está sempre falhando em amadurecer em realidade. Podemos ter uma esperança genuína, no entanto, colocando nossa confiança nas promessas de Deus, pelas quais ele nos assegura que mesmo agora sua mão está governando os assuntos dos homens em preparação para o cumprimento completo da proclamação angélica no tempo de O nascimento de Jesus — aquela gloriosa garantia de paz na terra e boa vontade para com os homens. — Isa. 57:14-19; Lucas 2:10-14

As nações ainda não aprenderam que, por mais que desejem, não podem estabelecer uma paz duradoura, nem resolver o problema do egoísmo humano. Em última análise, porém, eles aprenderão a paz quando disserem, como o profeta predisse: “Subamos ao monte [reino] do SENHOR, ... e ele nos ensinará seus caminhos, e andaremos em suas veredas.” Então “eles transformarão suas espadas em arados, e suas lanças em foices; nação não levantará mais espada contra nação”. Então, também, como Deus promete, todo homem habitará “debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira”, e ninguém molestará nem atemorizará, não porque o homem finalmente conseguiu, mas porque “o zelo do SENHOR dos Exérci-

tos fará isso.” O plano de Deus não falhará! — Miquéias
4:1-4; Isa. 9:6,7 ■

O Chamado de Abrão

Versículo-chave: “Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para uma terra que eu te mostrarei. E farei de ti uma grande nação, e te abençoarei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.”
— Gênesis 12:1,2

Versículos selecionados:
Gênesis 12:1-7; 15:1-7

Paulo em sua lista de vários heróis da fé do Antigo Testamento. (Tiago 2:23 Heb. 11:8-10,17-19) Em Gênesis 14:13, ele é chamado de “Abrão, o hebreu”. Ele morou, junto com sua família, na cidade de Ur dos Caldeus. Enquanto ele esteve m Ur, Estêvão afirma: “O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando ele estava na Mesopotâmia, antes de morar em Charran [hebraico: Harã].” Conforme observado em nossos versículos-chave, Jeová instruiu Abrão a deixar a sua terra natal. A família morou primeiro em Harã e, após a morte de seu pai, Abrão, sua esposa Sarai e seu sobrinho

NA LIÇÃO DE HOJE, observaremos uma das personalidades mais notáveis da Bíblia. Abrão, cujo nome Deus mais tarde mudou para Abraão, era um personagem do Antigo Testamento. No entanto, seu nome é mencionado muitas vezes no Novo Testamento. Por causa de sua fé, Abraão foi chamado de “o amigo de Deus”, e ele é mencionado com destaque pelo apóstolo

Ló foram orientados por Deus a ir para a terra de Canaã.
— Atos 7:2-4; Gên. 11:27-31

Além das instruções de Deus para deixar a cidade de Ur, nossos versículos-chave contêm uma promessa notável dada a Abrão, que ele acreditava ser verdade. Sua fé era tão completa que ele estava disposto a deixar sua terra natal e ir para um país desconhecido para que o Senhor pudesse usá-lo e abençoá-lo. Por meio dele, Deus disse que estabeleceria uma “semente”, ou descendência, que seria usada no devido tempo como meio de bênção para “todas as famílias da terra”. Jeová também prometeu a Abrão que seus descendentes seriam donos da terra de Canaã. (Gên. 12:3-7) Abrão enfrentou inúmeras provações e provas de fé após sua entrada inicial em Canaã, mas o Senhor o ajudou em todas elas. — Gên. 12:10-20; 13:1-13; 14:1-16

Mais tarde, a palavra do Senhor veio a Abrão em uma visão renovando a promessa que ele havia feito a ele. O registro afirma que Abrão “acreditou no SENHOR, e isso para ele foi uma questão de retidão”. (Gên. 15:1,5-7,18) O versículo 18 declara que Deus havia então “feito um pacto com Abrão”. Dois capítulos depois, o Senhor expandiu essa aliança e mudou o nome de Abrão para Abraão, que significa “pai de uma multidão”. Jeová lhe disse ainda: “Farei de ti nações, e reis sairão de ti”. — Gên. 17:1-8

O chamado de Abrão se assemelha muito ao chamado da igreja eleita durante a presente Era Evangélica. De início, não compreendemos todas as orientações da providência divina. No entanto, com fé, devemos seguir as orientações do Senhor e ser ensinados por ele, dia após dia. (João 6:45) Assim como Abrão, somos chamados a entregar e usar “tudo” no serviço de Deus e a ter em vista suas muitas “promessas muitíssimo grandes e preciosas”. II Pet. 1:4

As promessas do Senhor à sua igreja eleita também são, em muitos aspectos, semelhantes às feitas ao Pai Abraão. A estes o Pai Celestial diz: “Vós sois a geração eleita, sacerdócio real, nação santa”. “E ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações”. (I Ped. 2:9; Ap. 2:26) A estes, as palavras do Pai se aplicarão especialmente: “Eu te abençoarei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.”—Gên. 12:2 ■

Jacó e Esaú

Versículo-chave: “Duas nações estão em seu ventre, já desde as suas entranhas dois povos se separarão; um deles será mais forte que o outro, mas o mais velho servirá ao mais novo.”

— Gênesis 25:23

***Versículos selecionados:
Gênesis 25:19-34***

DEPOIS DE ATINGIR a idade adulta, Isaque escolheu Rebeca para ser a sua esposa, por arranjo de seu pai, Abraão. (Gên. 24:1-67) Rebeca, assim como sua sogra, Sara, ficou sem filhos por muitos anos depois de seu casamento com Isaque. Assim, Isaque “implorou ao SENHOR por sua esposa, porque ela era estéril”. (Gên. 25:21) Ocorreu um milagre; Rebeca concebeu e deu à luz filhos gêmeos.

O primogênito era “todo vermelho como uma roupa peluda; e chamaram o seu nome Esaú”. O segundo filho nasceu, e “sua mão segurou o calcanhar de Esaú; e seu nome se chamava Jacó”. “Os meninos cresceram: e Esaú era um caçador astuto, um homem do campo; e Jacó era um homem simples, morando em tendas”. (Versículos 24-27) O pai deles, Isaque, que já era bem velho, “amava Esaú” porque lhe trazia veado para comer; “mas Rebeca amava Jacó.” (v. 28) Isso criou uma situação que levaria ao cumprimento da promessa feita no nosso Versículo Chave.

Esaú, voltando de uma de suas viagens de caça, estava com muita fome, a ponto de desmaiar. Ele disse a Jacó, que havia preparado um guisado vermelho — uma sopa cozida de lentilhas — “Deixa-me comer desse cozido vermelho, pois estou com muita fome e exausto: portanto, o seu nome era Edom,” que significa “vermelho”. Jacó, vendo uma oportunidade, ofereceu comida para Esaú em troca de seu direito de primogenitura, que pertencia a Esaú como primogênito. Então replicou Esaú: “Eis que estou a ponto e morrer; logo, para que me servirá o direito de primogenitura?” Ele aceitou a oferta de Jacó e deu a ele a sua primogenitura, afirmando: “assim, Esaú desprezou sua primogenitura”.—versículos 29-34

Jacob, no entanto, via todo o assunto de forma diferente. Sua mãe estava ciente do fato de que Deus havia realizado um milagre ao permitir que ela desse à luz a esses gêmeos. Ela também se lembrou do que o Senhor lhe disse antes de eles nascerem, que o mais velho, Esaú, serviria ao mais novo, Jacó. Rebeca e Jacó viram na primogenitura da família a certeza de serem herdeiros das promessas que Deus havia feito a Abraão. Visto que Deus havia indicado antes que ele nascesse que Jacó seria o filho predileto, era bastante apropriado garantir a primogenitura por uma compra legítima acordada por Esaú.

Segundo o costume da época, a bênção paterna também pertencia ao filho primogênito. Obtê-lo antes da morte do pai era uma confirmação do direito de primogenitura. Assim, quando “Isaque era velho, e seus olhos estavam embaçados, de modo que não podia ver”, ele pediu a Esaú que fosse caçar e lhe trouxesse carne de veado para uma refeição, “para que eu comesse; para que minha alma te abençoe antes que eu morra”.—Gên. 27:1-4

Esaú voltou atrás na promessa de vender sua primogenitura e passou a cumprir os desejos de seu pai. Re-

beca estava cuidando dos interesses de Jacó, a quem ela sabia que o Senhor favorecia e havia escolhido. Ela produziu seu próprio plano para que Jacó recebesse a bênção de Isaque. Visto que a visão de Isaque era ruim, e tendo ouvido as instruções dadas a Esaú por seu pai, Rebeca instruiu Jacó a trazer dois cabritos, e disse que ela faria uma “carne saborosa”. Visto que Esaú estava coberto de pelos, Jacó também colocou as peles peludas das cabras nas suas mãos e pescoço. (Gên. 27:1-18) Jacó foi ver seu pai, que pensava ser Esaú. Assim, Jacó recebeu a bênção de seu pai exatamente como Deus havia prometido. —versículos 19-29; Rom. 9:9-12 ■

Jacob Luta com Um Anjo

Versículo-chave: “*E ele disse: Teu nome não será mais Jacó, mas Israel; porque como príncipe tens poder com Deus e com os homens.*”
— *Gênesis 32:28*

Versículos selecionados:
Gênesis 32:22-32

QUANDO ESAÚ descobriu que a bênção do primogênito havia sido dada a Jacó, conforme observado em nossa lição anterior, ele ficou muito zangado e jurou matar seu irmão. (Gên. 27:41) A atitude de Esaú é notada pelo apóstolo Paulo, que fala dele como uma “pessoa profana, ... que por um pedaço de carne vendeu sua primogenitura”. O apóstolo continua dizendo que Esaú “não se arre-

pendeu, embora ele tentou encontrar este sentimento dentro de si com lágrimas”. (Heb. 12:16,17) Rebeca soube do plano de Esaú e instruiu Jacó a deixar Canaã. Fugindo da casa de seu pai, Jacó viajou para Harã, na região de Panadaram, onde seu avô Abraão havia morado por um tempo depois de deixar a cidade de Ur dos Caldeus. Jacó prosperou ali, mas logo percebeu que as promessas de Deus eram de maior valor. Assim, por providência divina, ele estava determinado a retornar a Canaã e fazer as pazes com Esaú, embora estivesse com medo. Jacó orou a Deus para livrá-lo da ira de seu irmão, e lembrou-se das promessas feitas a Abraão. —Gên. 32:9-12

Jacó continuou sua jornada para Canaã, levando consigo sua família e todos os seus bens terrenos, incluindo seus rebanhos e manadas de animais. Ele esperava ter muito a oferecer a Esaú para fazer as pazes com ele. Com medo de ter um encontro difícil com Esaú, Jacó enviou todos os seus bens, animais e sua família à sua frente, com a esperança de apaziguar seu irmão antes de sua chegada. — Gên. 32:14-24

Jacó estava agora sozinho, e foi nesse momento que um anjo do Senhor apareceu a ele como um homem. Jacó tinha tanta fé no poder de Deus que se apegou fisicamente ao anjo e jurou que não o soltaria até que recebesse uma bênção. Jacó lutou com o anjo até o amanhecer do dia seguinte. —Versículo 24-26

Aqui podemos ver a lição relacionada à luta de Jacó com o anjo. O anjo apareceu como um homem, como costumava acontecer nos tempos antigos. Jacó o reconheceu, no entanto, como representante de Deus, e o agarrou com todas as fibras de força que possuía. Não podemos nem por um momento supor que o anjo não fosse poderoso o suficiente para se libertar das garras de Jacó. O anjo continuou a dizer “Deixe-me ir”, mas Jacó resistiu a ele durante toda a noite. O Senhor se agradou de abençoar Jacó e enviou o anjo para esse propósito. Ele foi testado primeiro, no entanto, para provar o quanto ele realmente desejava essa bênção. (Isa. 26:4; 50:10) Jacó foi muito vitorioso, e agora Deus se agradou de recompensar sua fé, energia e zelo.

Jacó recebeu a bênção e com ela uma mudança de nome. Ele foi a partir de então chamado de Israel, que significa “que prevalece com Deus”. Esse novo nome foi uma fonte de encorajamento para ele pelo resto da sua vida e um incentivo para continuar confiando no Senhor. Por toda a posteridade de Jacó adotou esse

nome, tornando-se eventualmente a nação de Israel. Jacó chamou o nome deste lugar de Peniel, que significa “O Rosto de Deus”. —Gên. 32:27-30

Jacó faz uma indicação para Cristo Jesus, como o verdadeiro pai e doador da vida de Israel e de toda a humanidade. É ele que, pela fé e obediência a Deus, prevaleceu e venceu todas as coisas, e agora é altamente exaltado, “para a glória de Deus Pai”. —Fil. 2:9-11 ■

Lição quatro

A Promessa a Judá

Versículo-chave: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão aos povos.”
Gênesis 49:10

Versículos selecionados:
Gênesis 49:8-12

filhos que um deles seria destinado a receber elogios especiais de seus irmãos.

Depois de falar bastante duramente de seus três

NA MEDIDA EM QUE Jacó se aproximava ao fim da sua vida, ele chamou seus doze filhos e disse: “Reúnam-se, para que eu possa contar-vos o que vos acontecerá nos últimos dias. Congregai-vos e ouvi, filhos de Jacó; e dá ouvidos a Israel, teu pai”. (Gên. 49:1,2) Jacó passou então a explicar a seus

primeiros filhos, Ruben, Simeão e Levi, Jacó voltou-se para Judá. “Judá, tu és aquele a quem teus irmãos louvarão; tua mão estará no pescoço dos teus inimigos”. (Versículo 8) Isto é seguido no nosso Versículo Chave, no qual Jacó declarou que um “cetro”, ou direito de governar, algum dia seria investido na descendência de Judá. À medida que tivessem fé nas promessas de Deus, todas as outras tribos agora olhariam para Judá, esperando que as bênçãos viessem por meio dele no devido tempo.

A promessa de Deus a Abraão, renovada a Isaque e Jacó, era que de sua posteridade viria um grande libertador que não apenas os abençoaria como família e nação, mas também abençoaria “todas as famílias da terra”. (Gên. 12:3) Parecia por um tempo que Moisés, o grande legislador e libertador de Israel, poderia ser o prometido, mas ele não era da tribo de Judá. Ele falou profeticamente, no entanto, de alguém que viria no futuro. “Deus te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu”. — Deut. 18:15; Atos 3:22

Quando o rei Davi surgiu da prometida tribo de Judá, as vitórias de Israel durante seu reinado levaram a grandes expectativas de um reino extenso, cuja influência cresceria e abrangeria o mundo. Além disso, quando o filho de Davi, Salomão, começou a reinar, e sua sabedoria e grandeza de renome mundial estavam no auge, parecia que a coroa do domínio universal estava ao alcance de Israel. No entanto, devido ao orgulho e à falta de obediência a Deus, sua alegria se transformou em decepção quando, após a morte de Salomão, seu reino foi dividido pela primeira vez e, por fim, derrubado. Em humilhação, o povo que esperava governar e abençoar todas as nações foi levado cativo para Babilônia. — Sal. 137:1-9

Embora a coroa tenha sido removida de Israel, e o poder de governar a si mesmo tenha sido tirado deles, o

“cetro”, ou direito de governar transmitido originalmente na promessa de Deus a Judá, não foi removido. (Ezeq. 21:26,27) A promessa original a Israel deve ser cumprida, e assim o cetro permaneceu até a vinda de Siló, outro nome que significa o Messias da promessa. Aquele cujo “direito é” governar é Jesus, “O Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi” e o “Príncipe da Paz”. (Apoc. 5:5; Isa. 9:6,7) Jesus era “santo, inofensivo, imaculado, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus”. (Heb. 7:26). Ele também guardou e cumpriu a lei de Israel com perfeição, sendo o único israelita a fazê-lo. — Mat. 5:17,18

Jesus, por nascimento, era da tribo de Judá, a tribo real. No entanto, quando ele deu sua vida perfeita como oferta de resgate, ele tirou a Lei de Israel “do caminho, pregando-a na sua cruz”. (Col. 2:14) Jesus garantiu assim para seus súditos, tanto judeus como gentios, o perdão dos pecados e a recuperação do pecado e da morte no reino de seu Pai, no qual ele reinará como “Rei dos reis e Senhor dos Senhores”. —1 Tim. 6:15 ■

Para Que Não Se Canse e Desfaleça

“Considerai, pois aquele que suportou tal contradição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos canseis, desfalecendo em vossas almas.” — Hebreus 12:3

UMA DAS PRINCIPAIS razões pelas quais o povo do Senhor está constantemente em perigo de se cansar e desfalecer em suas mentes e corações é que eles não são compreendidos nem apreciados pelo mundo. Na verdade, eles podem, frequentemente, ser deturpados. As grandes realidades da vida e do ministério de Jesus foram continuamente contrariadas por seus inimigos, mas ele suportou pacientemente até o fim e morreu para redimir até mesmo aqueles que o mataram. Ser visto e representado como errado quando o Senhor nos julga como certos é um teste muito árduo. Somente pela fé no resultado glorioso de nossa vida de sacrifício podemos continuar sem nos cansar.

No que diz respeito à carne, o povo do Senhor é falho e pode, frequentemente, talvez, dar justa causa à

oposição de outros. Por natureza, não temos reputação especial ou traços de caráter meritórios acima de muitos no mundo ao nosso redor para nos recomendar àqueles com quem entramos em contato. Com Jesus, porém, foi diferente. Ele foi perfeito: “Santo, inofensivo, imaculado, separado dos pecadores.” (Heb. 7:26) No entanto, sua nobreza e perfeição foram negadas por aqueles que o contradiziam, e ele foi morto como malfeitor. Tudo isso ele suportou sem cansaço e sem desmaiar. Que exemplo!

PENSE EM JESUS

Portanto, devemos “pensar nele”, olhar para o Mestre como um padrão e guia em nossas vidas. Devemos perceber que, como ele era, nós também somos neste mundo - estranhos e alienígenas. (Ef. 2:12)

O próprio Jesus disse: “Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou antes de vos odiar.” (João 15:18) O mundo odiava Jesus sem uma causa justa. Esforcemo-nos também para viver de modo que qualquer ódio do mundo contra nós seja, tanto quanto possível, igualmente sem causa.

Se damos aos outros motivos justos para nos desprezar e nos contradizer é porque não estamos seguindo a Jesus. Por exemplo, podemos ser culpados de nos intrometer em coisas que não são ou não deveriam ser nossa preocupação. Se, por outro lado, sofremos como Jesus sofreu – sem causa – então temos motivos para agradecer. Nesse caso, podemos olhar para o Pai Celestial, a grande fonte de conforto e força, com a confiança de que ele nos ajudará a suportar as contradições que seu amor e sabedoria permitem que nos sobrevenham. Podemos então dizer: “Todavia, ele conhece bem o caminho por onde passam meus pés; se me colocar à prova, constatará que sairei puro como o ouro refinado.”

— Jó 23:10

Paulo admoestou: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido”. (Gálatas 6:9) Se estivermos utilizando todas as nossas energias em fazer o bem, tanto no desenvolvimento das graças cristãs em nossos próprios corações como também em nossos esforços para abençoar os outros, podemos depender do socorro divino na proporção das nossas necessidades. Isso nos permitirá avançar corajosamente sem desfalecimento e sem nos cansar, não importa quão formidáveis possam ser os inimigos que acumulam “contradições” sobre nós em um esforço para derrubar nossa coragem.

TORNE O BEM PARA O MAL

Independentemente da oposição que possa vir contra nós, devemos, como seguidores do Mestre, continuar no caminho estreito. Como tal, nunca devemos dar nada além do bem em troca do mal. (Rom. 12:21) Devemos “fazer o bem a todos os homens” quando tivermos oportunidade, e “especialmente aos da família da fé”. (Gálatas 6:10) Nossos atos em fazer o bem deve ser mantido consistentemente até o fim do caminho, se esperamos estar entre aqueles que “no devido tempo ... ceifarão”, se “não desfalecerem”.

Retribuir o bem pelo mal é um dos testes vitais do verdadeiro discipulado. Fazer isso, em nome do Mestre, será um dos fatores para ganhar a aprovação divina e um lugar com Jesus no glorioso reino de bênçãos que em breve será estabelecido. Retribuir o bem pelo mal é ser como Deus. Seu plano de salvação é uma revelação da extensão em que essa qualidade de amor é demonstrada por ele para com o homem rebelde. Tamanha importância, então, são aqueles a quem ele pretende usar na abençoada

obra de reconciliar o mundo consigo mesmo que, no fundo, e ao custo de suas próprias vidas, eles estejam irrevogavelmente comprometidos com a tarefa de exemplificar este princípio porque aprenderam que se trata da vontade divina em atuação nas suas vidas e porque sabem que é certo.

Do Mestre é dito que suportou a cruz e desprezou a vergonha “pela alegria que lhe foi proposta”. (Heb. 12:2) Também temos diante de nós uma alegria, a alegria de colher, no seu devido tempo, se não houver o desfalecimento. Esperamos colher um lugar com Jesus no reino, e com ele compartilhar a obra de demonstrar ainda mais o amor do Pai, dispensando ao mundo moribundo as bênçãos vivificantes dispostas para eles no plano divino e fornecidas a eles pela morte de Jesus.

Na contradição dos pecadores contra Jesus eles clamaram: “Ele salvou aos outros; que ele se salve”. (Lucas 23:35) Quão pouco eles sabiam que por meio de sua morte ele estava comprando a oportunidade de salvação para eles e para toda a humanidade. Assim, o fato de ele suportar a contradição resulta na maior bênção possível para aqueles que contradizem. Também será assim em nossa experiência se seguirmos o Mestre até a morte – caindo em aparente derrota, mas na verdade em gloriosa vitória. ■
